

O Hebraísmo no Texto Grego do Novo Testamento

*Mayara Godinho Borges de Brito*¹³

Resumo: O presente trabalho trata-se de um panorama das três principais culturas que contribuíram para o material escrito do Novo Testamento: a hebraica, arameia e a grega. O leitor vai encontrar uma introdução panorâmica do Antigo Oriente Próximo e logo em seguida o contexto histórico e o desenvolvimento linguístico da língua hebraica – nesse primeiro ponto serão abordadas questões da oralidade como meio de preservação linguística e um pouco da estilística literária semita. O segundo ponto abordado é sobre a língua aramaica, mostrando como um pequeno povo cananeu permaneceu vivo, por meio de sua língua, através dos séculos. A terceira abordagem é sobre a língua grega, seu processo de expansão territorial e sua forte influência cultural desde o período intertestamentário e neotestamentário. A tese central do trabalho é afirmar a influência da cosmovisão hebraica (semítica) nos textos gregos do NT. A pretensão não é exaurir a temática, mas contribuir de modo introdutório para os debates linguísticos, metodológicos e culturais dos escritos neotestamentários, portanto, a conclusão é apenas uma constatação observada por meio da pesquisa bibliográfica.

Palavras-Chave: Hebraísmo. Multilinguismo. Paralelismo. Antigo Oriente Próximo. Neotestamentário.

Abstract: The present work is an overview of the three main cultures who contributed to the written material of the New Testament: Hebrews, Aramaeans and Greeks. The reader will find a panoramic introduction to the Ancient Near East and soon afterwards the historical context and the linguistic development of the Hebrew language - in this first point, features of orality will be addressed as a means of linguistic preservation and a little of Semitic literary stylistics. The second point

¹³ Bacharel em Direito pela UFG (Universidade Federal de Goiás). Missionária pela MPB (Missão Pioneiros da Bíblia), pós-graduanda em Teologia do Novo Testamento pela Unifil/Centro de pós-graduação Jonathan Edwards (Caruaru-PE).

addressed is the Aramaic language, showing how a small Canaanite people remained alive, through their language, through the centuries. The third point is about the Greek language, its territorial expansion process and its strong cultural influence in the New Testament (NT) biblical period. The central thesis of the work is to affirm the influence of the Hebrew (Semitic) worldview on the Greek texts of the NT. The intention is not to exhaust the theme, but to contribute in an introductory way to the linguistic, methodological and cultural debates of the New Testament writings, therefore, the conclusion is an realization observed through bibliographic research.

Keywords: Hebraism. Multilingualism. Parallelism. Ancient Near East. New Testament.

Introdução

Um ponto importante a se considerar, e que faz toda a diferença na compreensão e interpretação do texto bíblico, é ter em mente o contexto multilíngue em que Israel estava inserido no período neotestamentário. Sendo possível afirmar que o judeu daquela época conseguia se comunicar (ou ao menos compreender), no mínimo, em três línguas.

O povo hebreu passou por diversas situações que os permitiu consolidar sua própria língua, escrita e cultura; como também períodos de dominação estrangeira que os influenciaram tanto no âmbito linguístico como no religioso. Do período em que a nação de Israel se estabeleceu em Canaã até o período da deportação para a Babilônia e a Síria, o formato do culto a Yahweh, a própria fé e cosmovisão judaica eram bem diferentes; em certos momentos¹⁴ o sincretismo com o modelo religioso e os deuses dos outros povos de Canaã era presente.

A influência dos Babilônicos e principalmente Persas, por meio do zoroastrismo¹⁵, para um melhor entendimento de monoteísmo e de aspectos do mundo espiritual foram fundamentais para o que viria a ser a religião judaica pós-exílica. Como também, a reforma organizada por Esdras foi um divisor de águas no judaísmo. As comunidades organizadas ao redor das sinagogas moldaram um novo estilo de observâncias aos mandamentos mosaicos. A helenização e domínio grego no Antigo Oriente Próximo trouxe a feroz resposta dos judeus e a rejeição ao governo

¹⁴ O período dos juízes e dos reis de Israel pós era davídica (Relatado nos livros de I e II Reis) mostra os equívocos cometidos pelo povo de Deus em conhecê-lo e adorá-lo.

¹⁵ REINKE, 2019, p.

imposto¹⁶. Assim, comunidades puristas (como Qumrã) e seitas foram fundadas, definidas por menores ou maiores flexibilizações quanto a influência da cultura helenística na judaica¹⁷.

Por fim, o domínio romano que trouxe uma sensação de paz e estabilidade intercultural. Construção de estradas, uma legislação consolidada, legiões de soldados financiados pelo império romano foram pontos que contribuíram tanto para a ascensão de Roma, como para que o cenário estivesse pronto para a chegada do Messias. A plenitude dos tempos se formou para que judeus e gentios conhecessem o salvador. Dessa forma esse trabalho tem por objetivo traçar o desenvolvimento linguístico dentro deste contexto histórico e mostrar como certos traços linguísticos evidenciam a influência desse contexto histórico no texto escrito; é possível vê-los tanto como traços da oralidade, como estilística da escrita.

1. A língua hebraica

É quase consenso entre os eruditos que a língua falada durante o primeiro século da era cristã, na região da palestina, era o aramaico. Há evidências tanto no texto escrito do Novo Testamento, como a existência de comunidades no Egito que até os dias de hoje conservam a língua aramaica viva. Todavia, é possível, também afirmar que o hebraico não deixou de existir completamente, durante esse período, mas, se restringido à casta sacerdotal e escribas, ou seja, aqueles que tinham acesso a uma educação judaica formal.

O hebraico é utilizado e falado desde os tempos de Moisés (1400-1200 a.c.). O hebraico desse período ficou conhecido como *paleo-hebraico*, uma versão mais arcaica do que tinha-se nos tempos de Davi¹⁸, e óbvio, do hebraico falado hoje na região de Jerusalém. Como toda língua humana, o tempo e o contexto influenciam significativamente. Desde os vizinhos mais próximos de Israel até seus dominadores (durante e após o exílio) foram responsáveis por mudanças no som, significado e na

¹⁶ Guerra Macabeia liderada por Judas Macabeu, que depois desembocou em uma dinastia reconhecida pelo povo judeu, a Hasmoneia.

¹⁷ Saduceus, Fariseus e Zelotes.

¹⁸ Segundo o Prof. Dr. Gordon Johnston, em aulas de mestrado do Seminário Teológico de Dallas (EUA), seriam várias as fases de desenvolvimento da língua hebraica. Após a fase inicial, até o tempo de Moisés, haveria a fase do período dos reinos de Israel e de Judá, até o exílio. Haveria outra fase após o exílio até os primeiros séculos da era Cristã, e outra ainda até a Idade Média e depois disso, a última fase, até a idade moderna. (Contribuição do mestre em tradução da Bíblia Timothy Bachmann)

formação das palavras. Para os moradores hoje de Tel Aviv, ler os manuscritos bíblicos seria como para brasileiros ler os poemas de Gil Vicente ou Camões¹⁹.

Segundo Won, é possível dividir a evolução do hebraico bíblico em dois momentos: 1) Hebraico usado até o exílio babilônico – quando já havia registrado o Pentateuco e grande parte dos Escritos e Profetas; 2) Período pós-exílio – hebraico com influência das línguas e povos dominadores, principalmente do aramaico. Período em que o aramaico tornou-se a língua do cotidiano e o hebraico como parte da prática religiosa e da tradição. Por esse motivo, é percebido um uso hebraizado da língua aramaica²⁰.

As evidências mais antigas que foram encontradas do texto hebraico bíblico são datadas a partir do ano 300 a.C. – período em que a comunidade dos Essênios vivia nas imediações do Mar Morto²¹. Foi durante esse mesmo período que a Bíblia Hebraica sofreu sua maior inovação, a transmissão para a língua grega (Septuaginta LXX²²). Todavia, a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto foi fundamental para as análises comparativas entre o texto Massorético²³ e a Septuaginta – as mais populares cópias hebraicas e tradução da Bíblia que a comunidade cristã do Ocidente tinha acesso antes de 1946²⁴.

Esse caminho histórico que o texto hebraico percorreu é importante para o presente trabalho, tendo em vista que é um meio de fundamentar a hipótese de preservação da cosmovisão e estilística literária do povo hebreu, mesmo dentro do texto grego. São dois pontos importantes observados nos escritos do Novo Testamento. Traços marcantes contidos na literatura hebraica como o paralelismo (repetições), forma espiral de contar história e relatar fatos – onde a parte principal do relato é colocado no centro da narrativa –, são movimentações verbais e outras características literárias encontrados nos textos do Novo Testamento.

¹⁹ WON, 2020, p. 84.

²⁰ WON, 2020, p. 85.

²¹ Os famosos manuscritos do Mar Morto foi o achado arqueológico, talvez, de maior valor histórico e linguístico para a comunidade cristã. Os manuscritos foram encontrados pela primeira vez por pastores beduínos nas cavernas do deserto da Cisjordânia, próxima à antiga cidade de Qumrã em 1946. O trabalho arqueológico nessa região foi prolongado até 1967, onde mais textos (cópias) foram sendo encontrados e publicados.

²² Conferir página 13 desse artigo.

²³ O texto massorético está dentro do período de 135 a 1000 d.C. – é o texto hebraico redigido e comentado por escribas profissionais chamados massoretas, no período da Idade Média. Receberam esse nome devido ao estilo de trabalho desses estudiosos, que produziam aparatos críticos dispostos ao redor do corpo do texto hebraico. (WON, 2020, p. 90)

²⁴ WON, 2020, p. 88-89.

1.1. A tradição oral como meio de preservação

Os escritos mais antigos que foram encontrados da Bíblia na língua hebraica datam de 300 a.C., como foi dito acima, todavia, é possível afirmar que um dos maiores meios de preservação das tradições judaicas se deram via ensinamentos dados em forma oral, chamados de Tradição Oral. É fato que documentos escritos existiam, provavelmente desde a época de Moisés, contudo, não era acessível de modo individual ou mesmo por núcleo familiar²⁵. Por isso a leitura pública da lei / escrituras era uma realidade tanto no antigo como no Novo Testamento.

O conceito (preconceito) atual a respeito da Tradição Oral não deve ser considerado quando se analisa o passado, em especial as comunidades orientais tratadas no presente trabalho. O processo de memorização era muito valorizado na cultura judaica, e de alta confiabilidade em sua transmissão. É fato que esse processo tornou-se mais intenso e direcionado ao aprendizado da lei a partir do judaísmo do segundo templo, contudo, era uma prática usada por significativa parcela da comunidade israelita desde os tempos mais antigos da história de Israel.

Após vários anos pesquisando entre aldeões em partes remotas do Egito, o Dr. Kenneth Bailey chegou à conclusão de que a Tradição Oral mantida por essa sociedade era controlada. O povo mantinha as canções e poemas, na primeira categoria, sob rigoroso controle de veracidade. Qualquer erro, por menor que fosse, não era aceito nas rodas de conversa. A pessoa que errasse ao recitá-las sofria humilhação. A segunda categoria são as histórias de eventos e pessoas importantes que formam o registro histórico do povo e também parábolas. Nessa categoria há um pouco de tolerância aos erros, mas também não se permite modificar nada deliberadamente. Somente na terceira categoria é que há grande tolerância aos erros e modificações, a das piadas e acontecimentos recentes, triviais na vizinhança ou em eventos violentos, atritos entre povoados.

O controle não é apenas no momento de recitar algo, mas também em quem tem o direito de as recitar, havendo rigoroso controle na primeira categoria, e um pouco menos na segunda e etc. Há um cuidado natural, cultural, muito sério em verificar que somente pessoas honradas e reconhecidamente fiéis narradoras ou recitadoras sejam ouvidas.

Sendo essa a característica observada nas sociedades do Levante também, não é de admirar que as narrativas acerca da vida e obra de Jesus e seus discursos tenham sido

²⁵ O que temos hoje em termos de material escrito, acessível e a nosso dispor como biblioteca pessoal, era inimaginável antes de Gutenberg (1450).

preservadas por décadas até serem registradas. E que a estrutura eminentemente oral dessas tradições tenha sido preservada junto com elas é evidente. (BACKMANN, 2021)

Desde Ferdinand de Saussure²⁶ a Tradição Oral tem recebido um olhar diferenciado, segundo o mesmo a linguagem escrita seria simplesmente um complemento da oralidade. Muitos antes dele chegaram a afirmar, de modo ingênuo, que a escrita seria transformadora da verbalização, todavia, é o contrário²⁷. A linguagem está enraizada no som tanto quanto a oralidade e escrita, uma desenvolve a outra, ambas são a face de uma mesma moeda quando trata-se de desenvolvimento artístico, linguístico e cultural.

Na realidade, as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano, que já não são sequer possíveis quando a escrita se apodera da psique. Contudo, sem a escrita, a consciência humana não pode atingir o ápice de suas potencialidades, não é capaz de outras criações belas e impressionantes. Nesse sentido, a oralidade precisa e está destinada a produzir a escrita. (Org. WALTER; 1998, p. 23)

Dentro dessa perspectiva é possível tratar dos “ecos da oralidade²⁸” dentro da escrita, mecanismos desenvolvidos²⁹ por indivíduos de cultura oral – ou majoritariamente oral, como é o caso dos povos do Antigo Oriente Próximo – para guardarem tradições, histórias, ensinamentos e sabedorias. Os gêneros literários registrados em língua hebraica – e que hoje compõem o cânon de boa parte da cristandade – é uma prova de que o texto era produzido para ser memorizado.

Cerca de 1/3 dos escritos canônicos estão em gênero poético (tanto as músicas / salmos como as profecias³⁰ foram recebidas e escritas nesse gênero). Uma forte característica da poesia hebraica é a repetição, aquilo que era falado em um verso era repetido no segundo com palavras diferentes; além de beleza e graciosidade essa técnica facilitava a memorização e preservação do conteúdo que era passado de geração em geração. Outra característica peculiar está no gênero narrativo hebraico,

²⁶ Pai da linguística moderna.

²⁷ Org. WALTER, 1998, p. 13.

²⁸ A primeira vez que ouvi essa expressão foi através da Thaís de Oliveira Viríssimo, em um grupo de estudo do grego *koine*. Ela é mestre na área de Letras clássicas pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

²⁹ Esse desenvolvimento pode ter se dado de modo inconsciente, natural. Não é possível afirmar uma intencionalidade nesse processo.

³⁰ Por mais que o gênero profético tenha sua própria categoria de gênero literário na literatura hebraica, há comunicação com a estilística poética – forma de diagramar o texto. Essa forma tem sido mantida nas atuais impressões da bíblia.

o qual coloca no centro da narração o fato principal. É tanto um mecanismo que expressa o estilo da cosmovisão desse povo, como também é um inteligente mecanismo de memória, seja ele desenvolvido de modo intencional ou não³¹.

Muitos séculos antes de Cristo, o autor pseudônimo do livro do Velho Testamento, que aparece sob seu *nom de plume* hebreu Qoheleth ("orador de assembléia"), ou seu equivalente grego Eclesiastes, aponta claramente para a tradição oral da qual provém seu escrito: "Além de ser sábio, Qoheleth transmitiu conhecimento a seu povo e examinou cuidadosamente, verificou e combinou muitos provérbios. Qoheleth procurou encontrar ditos agradáveis e registrar por escrito com exatidão os ditos verdadeiros" (Eclesiastes 12:9-10). (Org. WALTER; 1998, p. 25)

1.2. Aspectos da estilística literária hebraica

Como já mencionado acima, os gêneros literários, como a própria estilística do texto hebraico, foram desenvolvidos com o objetivo de memorização e da recitação em público. Como todo processo de desenvolvimento linguístico, a escrita está tão atrelada à Tradição Oral quanto o indivíduo à sociedade.

Há uma discussão entre linguistas e eruditos a respeito do gênero poético bíblico. Não há uma palavra no hebraico para poesia, de forma específica, e encaixá-la nos padrões modernos desse gênero literário: versos, estrofes, métrica e rima, seria uma tentativa ingênua. Há palavras e expressões que traduzidas para o português seriam: cântico, canções ou salmo acompanhados ou não de instrumentos musicais, lamento, canção de funeral, provérbio e ditado³². Expressões estas que seriam variedades do gênero poético.

Dentro dessa perspectiva é possível afirmar a existência do gênero poético no corpus bíblico, como também diferenciar a prosa da poesia bíblica, segundo a pesquisa de Edson Magalhães Nunes Júnior:

Assim, a diferenciação primária entre a prosa e a poesia bíblica não se daria pela versificação, mas pela presença mais acentuada de certos elementos literários/poéticos e pela densidade compacta do seu discurso. Ou seja, não é somente a mensagem, mas a maneira/forma como ela é transmitida. A PHB [Poesia Hebraica Bíblica] é, então, um conjunto de elementos literários concentrado, estruturados de determinada maneira, para transmitir uma mensagem em um determinado formato. (JÚNIOR, 2012, p. 16)

³¹ Não é objetivo do presente trabalho exaurir o tema ou trazer respostas, mas apenas apontar hipóteses dentro do material bíblico encontrado até então.

³² JÚNIOR, 2012, p. 17-18.

O pesquisador afirma, ainda, que mesmo como gêneros literários distintos há elementos comuns entre a prosa e a poesia bíblica, como por exemplo, o paralelismo (ou repetições). A poesia hebraica faz uso desse recurso como mecanismo para construir e constituir sua mensagem, enquanto que a prosa, mesmo contendo paralelismo não faz uso de modo estrutural comprometendo o significado. Em outras palavras, a poesia usa esse e outros recursos com mais intensidade³³. Robert Lowth³⁴, em 1753, trouxe uma definição, que tornou-se clássica, para o termo “Paralelismo”:

A correspondência de um verso, ou linha, com outro eu chamo Paralelismo. Quando uma proposição é feita, e uma segunda é subunida a ela, ou apresentada sob ela, equivalente, ou contrastada com ela em Sentido; ou similar a ela na forma Construção Gramatical; estas eu chamo de Linhas Paralelas; e as palavras ou frases respondendo uma à outra nas Linhas correspondentes Termos Paralelos. (BERLIN, 1999).

Lowth demonstra, por meio dos textos bíblicos, que há três tipos de paralelismos na poesia hebraica: sinonímico, antitético, e sintético³⁵. Outra contribuição importante traga por esse erudito foi a inclusão do discurso profético dentro da poesia hebraica³⁶.

No paralelismo sinonímico o mesmo significado é expresso em termos diferentes. Palavras ou termos sinônimos são usados em dois versos seguidos, por esse motivo é possível chamar o paralelismo de repetição. Essa construção é muito presente no livro de salmos, como no Salmo 114:1³⁷:

Quando Israel saiu do Egito,
a casa de Jacó de um povo estrangeiro.

No paralelismo antitético as palavras ou termos são colocados de forma que estabelecem uma oposição, para isso o poeta lança mão de palavras e seus antônimos. É possível visualizar essas construções em Provérbios 27:6:

³³ JÚNIOR, 2012, p. 20-21.

³⁴ Lowth, entretanto, não foi o primeiro a notar o uso do que, a partir dele, passou a se chamar, tecnicamente, de paralelismo. Abraham Ibn Ezra, sábio sefardi (aproximadamente 1089-1160), em seu comentário sobre o livro de Jó, destaca o paralelismo como um fator estilístico importante no mesmo. (JÚNIOR, 2012, p. 27)

³⁵ Após Lowth os trabalhos que o sucederam, o tiveram com referência, seja para crítica ou fundamentação de argumentos. O paralelismo sintético, terceira classificação de paralelismo bíblico, definido por ele, é o objeto de maior discussão entre os eruditos da área.

³⁶ JÚNIOR, 2012, p. 27.

³⁷ Ibid.

Os golpes de um amigo são leais;

Mas os beijos de um inimigo são traiçoeiros.

Já o paralelismo sintético consiste em construções similares ou uma correspondência geral das linhas e não necessariamente uma correspondência entre todos os termos, é um tipo de raciocínio de causa e feito. Temos como exemplo Eclesiastes 11:2³⁸:

Dá uma porção a sete, e também a oito;

Pois tu não sabes que mal haverá sobre a terra.

É possível observar essa mesma construção em alguns textos do Novo Testamento, mesmo misturado a outros gêneros literários como cartas e evangelhos, o paralelismo poético está presente na narrativa e nos sermões pastorais. Observe o paralelismo sinonímico no texto de Colossenses 3:1-4:

Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus.

Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra;

Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo [...]

Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória.

No primeiro capítulo do evangelho de João, é possível observar a formação de um quiasmo, por meio da repetição da palavra “λόγος”. O quiasmo³⁹ é formado por meio da repetição de uma palavra de forma invertida. O uso do “και” como marcador discursivo – meio de dar ênfase – nas narrativas, é também parte da estrutura literária semítica:

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος,

καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν,

καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος⁴⁰.

Sobre a mistura de gêneros literários,

³⁸ JÚNIOR, 2012, p. 28.

³⁹ Segundo o pesquisador Edson Magalhães Nunes Júnior, o quiasmo é um produto do paralelismo, ou uma espécie de paralelismo. Consiste em uma sequência de componentes repetidos em ordem invertida. O nome é derivado da letra grega “chi” (X). Essa repetição pode acontecer em nível fonético, léxico, gramatical e semântico. (JÚNIOR, 2012, p. 77)

⁴⁰ No princípio, aquele que é a Palavra já existia. A Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. (João 1:1)
NVT

[...] faz-se necessário levar em consideração que toda vez que um modelo é empregado, ele sofre influências do contexto e apresenta alterações, em sua forma e/ou em sua finalidade. E não só isso, gêneros são amalgamados, combinados e justapostos para atender determinados fins. Por isso, gênero literário “puro” existe só na abstração. (2012, ABREU, p. 66)

Edson Magalhães Nunes Júnior afirma que o paralelismo é o “gênio” da literatura hebraica⁴¹. É claro que figuras de linguagem, uso especial dos sons e construções sintáticas não usuais, também estão presentes na poesia bíblica, todavia, o paralelismo tem preeminência.

Victor Fontana, em uma pequena análise do Magnificat (Lucas 1:46-47), mostra a força do hebraísmo nos textos gregos. Fontana percebe não somente a presença do paralelismo, mas, o uso de aspectos verbais diferentes – a transição verbal do aoristo para o presente era estranha para a poesia grega, mas era um recurso muito usado na poesia hebraica (transição do aspecto *perfeito* para o *imperfeito* tinha implicações estéticas)⁴².

2. A língua aramaica

O aramaico é uma língua originária do povo Arameu; este era um dos muitos povos que compunham a região de Canaã. Os arameus eram nômades e dedicavam-se ao pastoreio, viviam principalmente ao nordeste do território. Seu estabelecimento e mistura com os cananeus sedentários se deu depois do século XII a.c., momento em que esse grupo ganhou um novo status, o de participante nas rotas comerciais do Oriente Próximo. Essa interação comercial trouxe expansão territorial, por meio do surgimento de importantes cidades arameias⁴³, no sentido norte-sul, onde hoje seria a Síria, chegando ao norte da Mesopotâmia⁴⁴.

O elemento cultural que mais se sobressaiu foi a língua. O aramaico e seus diversos dialetos eram usados para fazer negócios; povos de fala fenícia, neohitita, assíria, hebraica e muitos outros, lançaram mão do aramaico como meio de entrar nas rotas

⁴¹ JÚNIOR, 2012, p. 26.

⁴² FONTANA, 2016.

⁴³ Uma de suas mais importantes cidades foi Damasco, situada no centro de um oásis (REINKE; 2020, p. 147).

⁴⁴ É válido ressaltar que os arameus que permaneceram estabelecidos na região de Canaã, fazendo fronteira com a Assíria, se organizavam em formato urbanizado; enquanto que os que estabeleceram próximo ao Eufrates na região Mesopotâmica, a organização era mais tribal, no estilo nomadismo agropastoril (REINKE; 2019, p. 147).

comerciais daquela época⁴⁵. É possível assim entender, o aramaico, como sendo a língua franca entre os povos do Antigo Oriente Próximo. E, ainda afirmar, conforme André Reinke, que a proliferação e oficialização da língua aramaica deu-se durante as deportações – Assíria (experimentada pelo Reino do Norte – Israel) e Babilônica (Reino do Sul – Judá). *O motivo para isso era duplo: pelo uso popular e indiscriminado da língua e pela facilidade da sua escrita, que utilizava o alfabeto*⁴⁶. *As demais línguas dos impérios orientais ainda eram escritas em cuneiforme*⁴⁷.

O povo de Judá, antes mesmo da sua deportação, já se comunicava em aramaico. É possível perceber esse fato no texto de II Reis 18:26. O profeta Jeremias, dessa mesma época, provavelmente falava aramaico⁴⁸. Partes de Esdras e Daniel foram escritos nessa língua, como também é possível reconhecer que o Antigo Testamento, ou ao menos parte dele, foi traduzido para o aramaico⁴⁹. Outro episódio que também comprova a aquisição da língua aramaica pelo povo hebreu, está em Neemias 8, no momento da leitura da Lei, foi necessária tradução simultânea. É um período em que percebe-se a perda quase total da língua hebraica. Israel Serique⁵⁰ afirma, citando Henri Daniel-Rops, que foram encontrados escritos do *Talmude*⁵¹, como dos *Targuns*⁵² em hebraico e aramaico. Talvez algumas dessas literaturas tenham sido produzidas pela comunidade de Qumrã, posto que, foram encontrados fragmentos de pergaminhos em aramaico nas imediações do Mar Morto⁵³.

É válido ressaltar ainda, a existência da versão do Antigo Testamento aramaico desde o século II, para os judeus Sírios. Posteriormente foi também traduzido o Novo Testamento do grego, completando assim a bíblia Peshitta⁵⁴, até meados do

⁴⁵ REINKE; 2019, p. 148.

⁴⁶ Por mais que a invenção da escrita (com uso de alfabeto) é creditada aos fenícios, seus símbolos nada mais era que uma variação daquela praticada pela população semítica da Síria e de Canaã. Os cananeus criaram uma escrita que contava com apenas 22 letras, todas consoantes. Essa peculiaridade (escrever apenas com consoantes) se dava pelo fato de o significado das palavras, nas línguas semíticas, estar mais ligado às consoantes do que às vogais. (REINKE; 2020, p. 133)

⁴⁷ Como também afirma Reinke, um dos legados deixados pelo povo Arameu foi a otimização do processo de alfabetização e consequentemente da escrita. Se, hoje temos a Bíblia e outras literaturas do Antigo Oriente Próximo é graças aos cananeus, em especial aos arameus. (REINKE; 2019, p. 148)

⁴⁸ REINKE; 2019, p. 148.

⁴⁹ Bíblia de Jerusalém.

⁵⁰ SANTOS, Israel Serique; 2010.

⁵¹ O Talmude era composto pela Mishmá (ensinos orais da Torá) e Gemerá (a Mishmá comentada mais as leis rabínicas). (WON, Paulo; 2020, p. 90)

⁵² Os Targuns eram traduções ou paráfrases do texto hebraico em aramaico, acompanhados ou não com comentários. (Daniel-Rops, 1991, p. 174).

⁵³ COLLINS, John J.; 2010, p. 114.

⁵⁴ Significa “a versão simples”. O siríaco é um dos dialetos do aramaico oriental.

século V⁵⁵. Portanto, assim, como a Septuaginta era a versão completa e confiável para as igrejas de fala grega, a Peshitta era a versão siríaca, traduzida diretamente do hebraico. Baseado nesses dados é possível afirmar que provavelmente o aramaico tenha se tornado a língua materna⁵⁶ de muitos judeus.

O aramaico continuou como língua franca até os dias de Jesus. Pelos ecos da oralidade expressos no texto escrito dos evangelhos, é possível presumir que o aramaico tenha se tornado a⁵⁷ língua materna de Jesus e seus discípulos. Outro fator que contribui para essa afirmação, é que o aramaico era o idioma mais usado na região da Galileia, norte de Israel (Cafarnaum, Nazaré, Caná, Tiberíades e Corazim – cidades em que Jesus foi criado, educado e exerceu a maior parte de seu ministério)⁵⁸.

É provável que, no primeiro século a.C., o aramaico fosse a principal língua de várias regiões da Judéia. Duvida-se, no entanto, que ela fosse o principal veículo de comunicação de todos os judeus da Palestina, particularmente os da Galiléia. Hoje, muitos eruditos afirmam que o aramaico constituía a principal base lingüística (não a exclusiva) através da qual Jesus ensinava, muito embora ele provavelmente conhecesse o hebraico (cf. Lc. 4), e possivelmente também falasse o grego. (WALLACE, 2009, p. 24)

Como meio de reforço a essa hipótese, Mateus relata um dos momentos que Jesus fala em aramaico na cruz, citando o Salmo 22:1. O evangelista faz questão de deixar expresso no texto escrito: “*Eli, Eli, lamá sabachtháni?*”(Mateus 27:46)⁵⁹. Os especialistas afirmam que a língua materna é a língua do coração, aquela que o indivíduo recorre em momentos íntimos como, oração (o relacionamento com a divindade), dor/desespero, amor (relacionamentos de afeto) e outras misturas de emoções advindas de situações do cotidiano. Essa afirmação não anula as outras línguas que Jesus possa ter feito uso em sua vida aqui na terra, seus diálogos e sermões durante o

⁵⁵ A versão final, com todos os livros do Novo Testamento fica completa no século IX. Essa versão foi traduzida diretamente do aramaico para o Espanhol e Português simultaneamente. No Brasil foi lançada a 1ª Edição em 2019 pela BV Filmes Editora.

⁵⁶ Ou ao menos uma das línguas maternas, tendo em vista que, segundo recentes estudos da neurolinguística, é possível ter mais de uma língua materna. “*A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é freqüentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos lingüísticos e não-lingüísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo)*”. (SPINASSÉ, p. 05, 2006)

⁵⁷ Ou ao menos umas das línguas maternas de Jesus. Pelo relato trago por Mateus, em seu evangelho, Jesus foi, recém nascido, para o Egito, e viveu com sua família ali ao menos 4 anos. É possível que ele tenha aprendido um pouco do egípcio ou grego falado naquela região.

⁵⁸ SANTOS, 2010, p. 09.

⁵⁹ Bíblia de Jerusalém.

ministério, mas pode ser uma pista de que o aramaico era uma língua importante para as emoções de Jesus.

Por mais que o Novo Testamento tenha sido escrito em Grego Koinê coloquial (popular), o texto revela ecos da oralidade, hipóteses de que língua foi usada nos diálogos, ou mesmo recursos que o autor lançou mão para que o leitor visualizasse melhor as influências linguísticas e o contexto de onde os fatos ocorreram. Temos algumas passagens que guardam essas expressões aramaicas: *Raboni* (João 20:16); *Cefas* (João 1:42); *Talita cumi* (Marcos 5:41); *Acéldama* (Atos 1:19); *Abba* (Romanos 8:15).

3. A língua grega

O povo grego foi o segundo da época antiga a dominar uma região tão vasta de território. Extensão esta que tinha início em sua região de origem (Mar Egeu – Europa) chegando até à Índia, uma extensão parecida com a do Império Persa⁶⁰. É claro que essa expansão territorial não se deu em todos os períodos de sua história, mas durante o governo macedônico de Alexandre, o grande. O domínio grego não tinha como interesse apenas o controle econômico e político das regiões conquistadas, mas a visão de seu líder era de influência e comunicação cultural⁶¹. Os gregos não influenciaram apenas a cosmovisão, língua, arte, forma de governo e filosofia da Antiguidade, mas seu legado chegou até os nossos dias moldando grande parte da cultura ocidental.

No texto bíblico eles aparecem no Novo Testamento, todavia sua relação com o povo hebreu se deu séculos antes. Os gregos influenciaram profundamente a história judaica, principalmente no tempo dos Macabeus (entre os séculos II e I a.c)⁶², o confronto cultural foi tão intenso que uma guerra foi iniciada em decorrência dele⁶³. No período de Jesus e do primeiro século da era cristã, por mais que o domínio romano fosse uma realidade, a língua era grega e a cultura helenística. O

⁶⁰ Povo influente que dominou o antigo império babilônio e a fértil região mesopotâmica, Europa e Ásia quase de modo total. (REINKE, 2019; p. 174)

⁶¹ Ele acrescentou os contingentes militares dos conquistados ao corpo fundamental do exército, o que foi o segundo passo de sincretismo oriental ao elemento grego. Finalmente, estimulou o casamento de seus soldados com as mulheres orientais para reforçar seu intento de manter o império tão múltiplo quanto era o persa. (REINKE, 2019, p. 248)

⁶² Após a morte de Alexandre, seus generais assumiram o controle do império grego, dividindo a administrações em quatro regiões: Grécia e Macedônia com Cassandro; Egito – Ptolomeu; Mesopotâmia e Oriente – Seleuco (Dinastia que dá origem a Herodes e seus filhos – governadores da galileia no tempo de Jesus); Anatólia e Trácia – Lisímaco. (REINKE, 2019; p. 249, 255-257)

⁶³ REINKE, 2019, p. 214.

grego *koine*⁶⁴ foi língua divulgada por Alexandre em todo o Oriente, a ponto de tornar-se um idioma de amplitude universal na antiguidade⁶⁵.

Alexandre teve êxito nessa grandiosa façanha primeiro por conta dos ideais que o moviam, e segundo por sua perspicaz estratégia de governo. Seu compromisso era difundir a cultura grega em termos de filosofia, língua e literatura por isso investiu de um extremo a outro do império, fundando cidades (as Alexandrias), 34 no total, sendo a mais importante delas localizada no Egito. Levou mestres para ensinar a língua grega em cada uma dessas recém-fundadas cidades, e assim o *koine* se difundiu⁶⁶.

Esse foi o início do período em que Deus começou a falar em grego com a humanidade. Como prova dessa afirmação temos a Septuaginta (LXX) e todo o Novo Testamento. Won afirma com maestria que não foi em latim que os autores neotestamentários escreveram suas literaturas, mas, em grego⁶⁷. E esse domínio do *koine* se estendeu até, pelo menos, os três primeiros séculos da era cristã.

A Septuaginta (LXX) é a versão grega das escrituras judaicas, segundo Won, durante muito tempo, desde o período interbíblico até o período dos Pais Apostólicos essa versão foi muito utilizada. Sua autoridade foi reconhecida não somente pelos judeus, mas pelos cristãos dos primeiros séculos da era cristã.⁶⁸ Há muitos mitos a respeito de como a Septuaginta tenha sido traduzida, todavia, a conclusão que Won chega é de um processo de tradução, que tiveram várias contribuições, durante pelo menos dois séculos⁶⁹.

É válido ressaltar que essa tradução tenha acontecido pelo mesmo motivo das possíveis traduções para o aramaico, havia uma comunidade significativa de judeus espalhados pela diáspora no mundo mediterrâneo. Outro fator importante que, com certeza, cooperou para que essa versão da bíblia hebraica viesse a existir (LXX) foi o intenso investimento dos soberanos dos reinos helenistas, em bibliotecas e instituições⁷⁰ para a divulgação da sabedoria grega. A biblioteca da Alexandria (Egito) era uma das maiores (se não a maior) da era antiga. Essa biblioteca, na época de Júlio

⁶⁴ A língua grega tinha muitos dialetos, todavia, um deles se destacou entre os demais. O grego *koine* teve como base o dialeto grego ático, falado na região de Atenas.

⁶⁵ REINKE, 2019, p. 232.

⁶⁶ REINKE, 2019, p. 248-249.

⁶⁷ WON, 2020, p.100.

⁶⁸ WON, Paulo – E Deus falou na língua dos homens: Uma introdução à Bíblia, 2020; p. 101.

⁶⁹ WON, 2020; p. 105.

⁷⁰ Museus.

César, chegou a contar com 700 mil volumes. E a da região de Pérgamo, próximo ao reino selêucida⁷¹, possuía 400 mil volumes⁷².

Ante as essas exposições podemos afirmar que a língua grega foi meio de comunicação veicular no contexto palestino da época de Jesus, sendo muito provável que também tenha sido a língua que Jesus fazia uso em seu ministério. Wallace reforça essa tese citando os argumentos de Potter:

"Os argumentos a favor dessa tese embasam-se: (1) no papel do grego como a língua franca do Império Romano; (2) no caráter lingüístico e cultural da baixa Galiléia durante o primeiro século; (3) no fator lingüístico, ou seja, na transmissão do Novo Testamento em grego, desde os manuscritos mais antigos, (4) na diversidade da evidência epigráfica; (5), na importância da evidência literária; e, (6) nos vários contextos significantes nos próprios evangelhos...." (WALLACE, 2009, p. 24)

A esse respeito, Won cita Blomberg, reforçando o argumento de que o contexto palestino era muito mais multilíngue do que podemos imaginar:

O grego dos tempos do Novo Testamento ficou conhecido como *koine* (termo grego para "comum") e refletia o que os romanos chamavam de língua franca. Assim, muitos judeus da Palestina, mesmo por volta do século I, podiam muito bem ser ao menos razoavelmente trilingües, com algum conhecimento do hebraico (com certeza limitado ao uso da literatura religiosa); do aramaico, com seu vernáculo comum; e do grego, como língua dos negócios, do comércio e das relações com as autoridades militares e políticas⁷³. (WON, 2020, p. 99)

Segundo Wallace, existem três visões a respeito do grego do Novo Testamento: a) Grego *koine* – boa parte dos autores que defendem essa linha observam traços semíticos nas citações do AT e falas de Jesus; b) Grego *koine* com algumas porções ricas do semitismo – Esses autores acreditam em uma primeira versão dos Evangelhos, parte de Atos dos Apóstolos e o Apocalipse de João em aramaico; c) Um dialeto distinto – Essa linha defende uma espécie de língua completamente diferente do grego disseminado por Alexandre em sua expansão territorial pelo Oriente. Alguns chegam a afirmar que trata-se de uma língua divinamente inspirada, distantes das línguas humanas⁷⁴.

⁷¹ Região que abrangia toda a Galileia e Judéia.

⁷² REINKE, 2019; p. 252.

⁷³ BLOMBERG, Craig L. Introdução aos Evangelhos, p. 25.

⁷⁴ WALLACE, 2009; p. 26

Wallace entende que os eruditos devem considerar um equilíbrio entre a primeira e segunda visão, entendendo que o estilo *koiné* adotado para a escrita era o mais popular que recebeu influências semíticas (hebraísmo) na estilística, raciocínio não linear e contou com a autoria de múltiplos autores⁷⁵. Nessa perspectiva é válido afirmar que a língua adotada para a produção do Novo Testamento foi a grega, caindo, portanto, a hipótese de um novo dialeto do grego em si.

É nossa convicção que a língua do NT precisa ser vista à luz de três pólos: através do estilo, da gramática e do vocabulário. Até certo grau: o estilo é semítico; a sintaxe vem do Koinê coloquial-literário (o dialeto derivado do grego Ático); e o vocabulário pertence ao Koinê vernacular. É inviável procurar constantemente separar esses itens. (WALLACE, 2009; p. 28)

Conclusão

Ante a tudo que foi exposto até aqui é inegável deixar de afirmar que essas três línguas / culturas influenciaram diretamente a Bíblia que a maior parte dos cristãos (católicos, coptas, ortodoxos, protestantes e evangélicos) tem hoje em mãos. O hebraico, aramaico e grego foram responsáveis pelas construções dos diversos gêneros literários que compõem a mesma.

A influência da cosmovisão hebraica nos escritos gregos é indiscutível, apesar de haver interpretações diferentes acerca de que formas isso toma, mas a influência é indisputável. É verdade também, que o léxico grego foi fundamental para estabelecer os novos conceitos do Evangelho, e ampliar outros a partir da nova perspectiva da morte e ressurreição de Jesus, o Cristo.

Todos esses desdobramentos linguísticos, culturais e históricos mostram a pungência da beleza da missão de Deus (*missio dei*) na história da humanidade. O Criador que entrou no tempo, limitou-se a um corpo nascido de mulher, habitou entre os seus para que enfim pudesse fazer morada na coroa de sua criação, os seres humanos. Esse furioso e poderoso amor só poderia ser expresso em poesia, mesmo em meio a prosa e demais estilos literários adotados pelos escritores bíblicos. Tal relacionamento pericorético só poderia resultar em canções sopradas / inspiradas pelo Espírito do próprio Deus. Para que no fim da história, toda glória seja dada a Ele, Yahweh.

⁷⁵ Esse ponto da autoria implica em perceber a influência do Koiné literário em suas estruturas sintáticas, em maior ou menor grau. Por exemplo, os textos de autoria atribuída a Paulo e Lucas estão mais encaixadas no Koiné literário, enquanto que os escritos do apóstolo João não se enquadram nesse padrão. Poderíamos também colocar como maior ou menor grau de influência semítica (hebraísmo).

Referências

ABREU, Vítor de Oliveira. *O ESTUDO LITERÁRIO DO NOVO TESTAMENTO: Gêneros literários nos contextos do Cristianismo primitivo*. RJHR V:8, 2012.

BACHMANN, Timothy. *Resenha do artigo: Informal Controlled Oral Tradition and the Synoptic Gospels* – Kenneth E. Bailey; Themelios 20.2 (January 1995): 4-11. Disponível em: https://www.biblicalstudies.org.uk/article_tradition_bailey.html

BERLIN, A. “*Poesia, Bíblica hebraica*”. Trad. Paulo Severino da Silva Filho. In: HAYES, John H. (ed.) – *Dictionary of Biblical Interpretation K-Z*. Nashville: Abingdon Press, 1999, pp. 290-296.

BÍBLIA de Jerusalém. Editora Paulus – Edição de 2002, 8ª reimpressão (2012).

BÍBLIA Peshitta. BV Filmes Editora, 2019. Prefácio disponível em: <https://www.bvfilms.com.br/novosite/wp-content/uploads/2019/08/Livreto-Biblia-Peshitta.pdf>

BLOMBERG, Craig L. *Introdução aos Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica: Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. [tradução: Carlos Guilherme da Silva Magajewski] – São Paulo: Paulus, 2010. – (Coleção Academia bíblica)

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1991.

FONTANA, Victor; *Magnificat: o nome é Latim. A língua é o Grego. A poesia? Hebraico lindo*. Disponível em: <http://www.gregodiario.com/gregodiario//magnificat-o-nome-latim-a-lngua-o-grego-a-poesia-hebraico-lindo-por-victor-fontana> Acessado em: 06/05/2021.

JÚNIOR, Edson Magalhães Nunes; *Uma introdução geral à poesia hebraica*. Dissertação de mestrado em Estudos judaicos, USP-SP, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-15032013-101615/publico/2012_EdsonMagalhaesNunesJunior.pdf / Acessado: 05/05/2021

NICKELSBURG, George W. E. *Literatura judaica, entre a bíblia e a mixná – uma introdução histórica e literária*. [tradução: Elisabeth A. Soares, Paulo Augusto de Souza Nogueira] – São Paulo: Paulus, 2011 (Coleção Academia bíblica).

REINKE, André Daniel. *Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

SANTOS, Israel Serique dos. *Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama*, Vol. 2 No 2 (2010).

SPINASSÉ, Karen Pupp. *Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil*. revista contingência; Vol. 1; p. 01-10; Novembro / 2006.

Ong, WALTER J. *Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra I*. Walter Ong ; tradução Enid Abreu Dobránszky. – Campinas SP : Papirus, 1998.

VIRÍSSIMO, Thaís de Oliveira. *Análise do discurso aplicada em atos dos apóstolos como metodologia de ensino do grego koiné*. Rio de Janeiro-RJ, 2018.

WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega – uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. Editora Batista Regular do Brasil, São Paulo-SP; 2009.

WON, Paulo. *E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à bíblia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.